

ESTRANHOS À NOSSA PORTA - ZYGMUNT BAUMAN

*Por Beatriz Santana Vieira Santos**

Diante da crise migratória na Europa nos últimos anos e de milhares de tragédias e mortes de migrantes ocorridas nas travessias rumo aos países europeus, Zygmunt Bauman escreve “Estranhos à nossa porta”, uma das últimas publicações do autor antes de seu falecimento, em que realiza uma análise crítica das políticas e medidas contrapostas à abertura aos migrantes.

No primeiro capítulo do livro, Bauman admite a busca dos formadores de opinião – sejam eles autoridades políticas ou meios midiáticos – em retratarem o fenômeno migratório de modo a conquistar e subordinar os indivíduos das sociedades de destino promovendo um “pânico moral”, ou seja, um medo compartilhado de que a chegada de migrantes representaria uma maior vulnerabilidade a possíveis ameaças ou a destruição do modo de vida convencional europeu. Em um “efeito míope”, esse medo gerado diminui a sensibilidade sobre as reais causalidades do fenômeno migratório e sobre as dificuldades enfrentadas pelos requerentes de asilo em busca de refúgio, tornando tragédias e mortes de migrantes acontecimentos recorrentes e até mesmo banalizados.

Mesmo não sendo algo recente na Europa, o fenômeno migratório atual tornou-se pauta importante de discussão e resolução por parte dos países europeus, dado os números recordes de requerentes de asilo em 2015 (EUROSTAT, 2016) e de naufrágios nas rotas do Mar Mediterrâneo em 2016 (OIM, 2017). Somados aos constantes migrantes econômicos, os fluxos de requerentes de asilo aumentou principalmente devido aos conflitos e instabilidades em países do Oriente Médio, como Síria, Iraque e Afeganistão. Observados como fontes de inseguranças, tais migrantes tornaram-se indesejáveis, sendo privados de seus direitos e da solidariedade dos Estados europeus. São ainda vítimas de interesses particulares, em que partidos e movimentos nacionalistas, xenofóbicos e racistas exploram a ansiedade causada pelo afluxo de “estranhos” para atraírem votos.

No segundo capítulo, o autor aborda a identificação da pauta migratória como uma problemática de segurança nacional e pessoal. Referenciando-se na securitiza-

*Mestranda em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

ção dos migrantes como um processo muito utilizado pelos veículos midiáticos e autoridades políticas, Bauman verifica que a representação dos migrantes como precursores de uma maior insegurança torna-se ainda uma técnica de governo. Logo, visando estimular tal sentimento de insegurança por parte da população, autoridades políticas securitizam os recém-chegados de modo a desviar a ansiedade dos problemas para os quais são incapazes de gerar soluções, dando foco a outras problemáticas, com as quais parecem estar lidando com êxito (como o suposto “problema” migratório). A política de securitização corrobora, inclusive, para que se tenha a “adiaforização” da questão migratória, uma vez que, “[...] classificados pela opinião pública na categoria de potenciais terroristas, os migrantes se encontram além dos domínios e fora dos limites da responsabilidade moral” (BAUMAN, 2017, p. 38). Dessa forma, muitas pessoas sentem-se gratas a políticos que defendem e promovem medidas securitárias.

O medo incitado pelos migrantes é abordado no capítulo subsequente sob uma análise da sociedade atual cada vez mais voltada aos imperativos de performances individuais. A seção identifica que visto os medos e inseguranças que perturbam as sociedades, e dada a tarefa de enfrentar os novos atores que representam ameaça, há uma ampla individualização dos meios para tratar tais incertezas e, conseqüentemente, uma precariedade da vida cotidiana. A “sociedade da performance” atua individualmente, visando ao seu máximo potencial. Em contrapartida, seus indivíduos veem-se atormentados pelas próprias inadequações, de modo que necessitam de potenciais representantes para amenizar suas tensões. E eis que nesse espectro, os detentores de poder, ávidos em conquistar apoio, ocupam-se em fomentar as ansiedades e inseguranças desses indivíduos.

Outra circunstância analisada é a observação errônea e ilógica das fontes reais do medo. Movimentos de identidade étnica, nacionalistas e reações xenofóbicas e racistas são apenas substitutos para fatores de integração em sociedades em desintegração. Visto a crescente cosmopolitização dos países, Bauman afirma ser inútil impedir os fluxos migratórios, sendo, pois, necessário ter uma “consciência cosmopolita” e instituições capazes de concretizar relações harmônicas entre indivíduos de diferentes nacionalidades.

No quarto capítulo, o autor realiza uma discussão sobre os fundamentos da exclusão dos refugiados dos domínios da obrigação moral, utilizando o conceito de dissonância cognitiva para fundamentar sua análise. Partindo do conceito de moral que, em síntese, é compreendido como o reconhecimento da própria responsabilidade em promover o bem e resistir ao mal, Bauman identifica uma separação irreversível entre “nós” e “eles”. Ou seja, uma categorização e diferenciação de indivíduos e grupos sociais, fator que contribui para que se tenha uma fissura entre os indivíduos dignos da responsabilidade moral (“nós”) e outros que dela serão excluídos (“eles”). Nesse sentido, os domínios da obrigação moral excluem certas categorias de seres humanos, como, no caso, os recém-chegados à Europa. Com isso, ocorre a dissonância cognitiva, fenômeno articulado por Leon Festinger e entendido como o artifício que minimiza ou nega as percepções contraditórias diante de situações em que determinados indivíduos são excluídos das responsabilidades morais de um grupo ou sociedade. Sabe-se, porém, que, no caso dos migrantes, o principal efeito desse artifício é a desumanização, o que abre caminho à exclusão e despolitização dos mesmos.

No quinto capítulo, faz-se uma discussão sobre a gestão europeia no fenômeno migratório em pauta. O autor critica o forte tratamento do caso na agenda de segurança europeia, e a baixa resolução dos problemas reais que propulsionam os fluxos. Sem grandes expectativas de que as políticas desenvolvidas posteriormente mudem, Bauman aponta a irresponsabilidade dos países europeus perante os migrantes, mantidos em um estado de insegurança e vulnerabilidade constante, tendo seus direitos reduzidos.

Por fim, o último capítulo apresenta uma discussão das ferramentas que fundamentam as origens da exclusão dos migrantes, sendo os avanços tecnológicos essenciais no processo de fortalecimento de imperativos irracionais e imorais. A internet é citada como exemplo. Considerando o compartilhamento de ideais e informações que incitam o ódio, medo ou raiva dos migrantes em mencionada ferramenta, a internet torna-se um exemplo dos novos instrumentos que ajudam a consolidar barreiras e imperativos incontestáveis diante de padrões e grupos sociais inferiorizados e não aceitos. Logo, pessoas moralmente “cegas e surdas”, deixam de lado a moral e a razão, a fim de encontrarem os precursores de suas ansiedades e inseguranças. Os migrantes e, entre eles, principalmente, os recém-chegados, assumem bem as condições de serem tais “inimigos”. Ainda que essa interpretação careça de reais fundamentos, o “[...] mecanismo de apontar responsáveis pela vitimização parece infalível e imbatível.” (2017, p. 111). Bauman conclui que em um mundo com uma população crescente e com fronteiras inevitavelmente porosas, apenas com diálogo, acordo e compreensão mútua será possível alcançar “[...] uma convivência pacífica e mutuamente benéfica, colaborativa e solidária” (2017, p. 114).

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à nossa porta**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

EUROSTAT. **Record number of over 1.2 million first time asylum seekers registered in 2015**. 2016 Eurostat newsrelease 44/2016, 4 Mar. 2016. Disponível em: <https://ec.europa.eu/eurostat/documents/2995521/7203832/3-04032016-AP-EN.pdf/790eba01-381c-4163-bcd2-a54959b99ed6>. Acesso em: 10 mar. 2019.

OIM - Organização Internacional para as Migrações. **Mixed migration flows in the Mediterranean and Beyond**. Compilation of available data and information, 2016. 24 Jan. 2017. Disponível em: http://migration.iom.int/docs/2016_Flows_to_Europe_Overview.pdf. Acesso em: 10 mar. 2019.